

AMIZADE EM DOIS CONTEXTOS EDUCACIONAIS



Luciana Karine de Souza

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG - Brasil



Resumo

O objetivo deste trabalho é comparar a percepção da qualidade da amizade de dois contextos educacionais distintos – a escola e a universidade, em uma amostra de estudantes universitários gaúchos. O relacionamento com a melhor amizade é investigado quanto a funções que o melhor amigo preenche, sentimentos que ele desperta no participante, e a satisfação do participante com o relacionamento com o melhor amigo. Os resultados apontaram para a relevância das melhores amizades originadas na escola e mantidas até a entrada na universidade. Discute-se a importância das amizades no período universitário, atentando para o desenvolvimento socioemocional do indivíduo para além da escola – contexto educacional frequentemente privilegiado em pesquisa.

Palavras-chave: amizade, escola, universidade.

Introdução

O objetivo deste trabalho é comparar a percepção da qualidade da amizade de dois contextos educacionais distintos – a escola e a universidade, em uma amostra de estudantes universitários. O relacionamento com a melhor amizade é investigado quanto a funções que preenche, sentimentos que desperta, e a satisfação que proporciona ao participante. Discute-se a importância das amizades no período universitário, atentando para o desenvolvimento socioemocional do indivíduo para além da escola – contexto educacional frequentemente privilegiado em pesquisa.

A literatura empírica sobre amizade a define como um relacionamento pessoal, significativo e voluntário (BELL, 1981; FEHR, 1996), estudando-a por intermédio de distintos atributos, como ajuda, confiança, intimidade, conflito, crítica, para citar alguns. Mendelson e Aboud (1999, 2003) propõem um modelo mediante a identificação de seis

funções da amizade: ajuda, companheirismo, intimidade, aliança confiável, segurança emocional e autovalidação. Resultado de detalhada análise dos atributos estudados em oito instrumentos diferentes que avaliam o relacionamento de amizade, além das seis funções, Mendelson postula, em seu modelo, a avaliação de sentimentos positivos e negativos direcionados ao amigo, e a satisfação com a amizade. Essas nove dimensões da amizade estudadas pelo autor são por ele acessadas através de nove escalas que compõem os Questionários McGill de Amizade, validados para uso no Brasil com desempenho satisfatório na condução de pesquisas sobre relacionamentos de amizade em adultos-jovens brasileiros (SOUZA, HUTZ, 2007b). Nessa direção, em outra oportunidade (SOUZA, HUTZ, 2007a) foi possível investigar diferenças de gênero em adultos-jovens universitários, com resultados significativos sobre a percepção de uma melhor amizade de mesmo sexo ou de sexo oposto. Foi observado que homens percebem diferentemente a melhor amizade com uma mulher na comparação com um homem, atribuindo mais à amiga as funções de segurança emocional e de autovalidação do que ao melhor amigo de mesmo sexo.

No período em que está cursando o ensino superior, o adulto-jovem mantém acentuado vínculo com suas amigas, em contraste com a vida adulta após a conclusão do curso. Isso porque é durante a adolescência que a amizade amadurece, isto é, passa a envolver qualidades como confiança, lealdade e intimidade (FEHR, 1996). Dessa forma, no início da vida adulta, isto é, na adulez-jovem, a amizade passa a ter maior importância em contraste com a vida pós-universidade, que demandará que o indivíduo concentre seus esforços nos relacionamentos associados à carreira profissional (com colegas de trabalho), nos relacionamentos com parceiros românticos estáveis, e nos novos arranjos familiares com a chegada do primeiro filho.

Um estudo representativo da notória importância da amizade para o adulto-jovem é o de Carbery e Buhrmester (1998). Focalizando a amizade no escopo dos relacionamentos mais importantes na etapa da adulez-jovem, os autores dividiram-na em três fases distintas: fase celibatária, na qual o indivíduo é solteiro e não está comprometido seriamente com um parceiro romântico; fase marital, quando há relação conjugal sem filhos; e fase parental, com a presença de filhos pequenos. O que se observou foi que, na fase celibatária, os amigos são preferidos ao preencherem necessidades por companheirismo e confiança; na fase marital, o indivíduo passa a depender mais do cônjuge para todo tipo de necessidade; e na fase parental, os filhos deslocam o foco que estava no cônjuge e passam a competir com ele, ou mesmo

ultrapassá-lo na condição de provedores de aspectos como afeição, segurança e companheirismo. Diante desses achados, Carbery e Buhrmester (1998) enfatizam que as amizades atingem, precisamente no início da adultez-jovem (fase celibatária), um pico quanto à significância funcional na rede de relacionamentos, com os amigos representando fontes primárias de apoio social, companheirismo e confiança.

Para Rawlins (1992), a adultez jovem localiza-se entre o final da adolescência e o início dos 30 anos, propondo a entrada na universidade como marco inicial dessa etapa da vida adulta. Segundo o autor, o ingresso no ensino superior exige do indivíduo um ajustamento emocional com a finalidade de elaborar uma nova rede de apoio social e de reavaliar o relacionamento com a família e com as amizades pré-existentes. Esse período de transição para a adultez é referido por Rawlins como período universitário, abrangendo dos 17 aos 22 anos de idade.

Durante o período universitário os estudantes são formalmente educados para a futura profissão. Refletem juntos sobre diferentes possibilidades de carreira e de estilos de vida, na confluência desses últimos com os próprios relacionamentos pessoais e valores. Além disso, adultos-jovens universitários estão com as faculdades físicas e mentais no pico de suas capacidades (RAWLINS, 1992). Em outras palavras, vivenciam juntos desafios e dúvidas semelhantes, tanto sociais como intelectuais, e uma grande expectativa quanto ao que a vida adulta trará após a universidade (LEVINSON et al., 1979, apud RAWLINS, 1992).

Ao se compreender o período universitário como favorável à formação de amizades profundas e empolgantes (RAWLINS, 1992), é importante considerar a universidade como um contexto educacional que desempenha papel notável na trajetória do adulto-jovem que dele participa, marcando-o em termos cognitivos, emocionais e sociais. Ademais, nesse início da adultez jovem, os relacionamentos com os amigos ainda são menos influenciados pelos relacionamentos conjugais e familiares que se sobressaem nas fases seguintes da adultez. Tanto Carbery e Buhrmester (1998), como Rawlins (1992), apontam para essa direção, referindo-se, respectivamente, à fase celibatária e ao período universitário. Como essa etapa da vida favorece a investigação sobre as amizades, está-se de acordo com Koh, Mendelson e Rhee (2003) ao argumentarem que a população de estudantes universitários é ideal para o estudo desses relacionamentos.

Considerando-se a amizade como um relacionamento importante para o desenvolvimento na infância e adolescência e para a transição para a vida adulta, e

considerando-se que contextos educacionais como a escola e a universidade proporcionam interações entre pares que podem culminar em novas amizades, o presente trabalho buscou investigar diferenças nas amizades de estudantes universitários originadas na escola (isto é, no ensino médio ou fundamental) ou na universidade. Mais especificamente, as diferenças foram estudadas com respeito à melhor amizade quanto à percepção das funções que ela preenche, da satisfação que proporciona, e dos sentimentos positivos e negativos que desperta em adultos-jovens que frequentam o ensino superior.

Estudos indicam que o tipo de amizade (melhor amigo, amigo próximo ou amigo ocasional) e sexo do participante proporcionam diferenças quanto às funções, aos sentimentos e à satisfação; em outras palavras, tanto o relacionamento com melhores amigos quanto a amizade com mulheres são interações que apresentam escores maiores nas funções e na satisfação com a amizade, e nos sentimentos positivos relacionados ao amigo (MENDELSON, ABOUD, 1999, 2003; MENDELSON, KAY, 2003; SOUZA, 2006). Nesse sentido, foram controladas ambas as variáveis mencionadas, tanto na prioridade dada à investigação sobre a melhor amizade (dentro um conjunto de amizades mais próximas ou íntimas), como no cuidado com a distribuição igualitária de participantes do sexo feminino e do sexo masculino no delineamento do presente estudo.

Procedimentos metodológicos

Participaram do presente estudo 180 estudantes universitários (90 do sexo feminino e 90 do sexo masculino) regularmente matriculados em diferentes cursos de graduação de uma instituição pública de ensino superior da cidade de Porto Alegre (Rio Grande do Sul). Situados na faixa etária de 18 a 25 anos, a média de idade dos participantes do sexo feminino foi de 20,42 anos de idade (DP = 1,85), e a dos de sexo masculino foi de 20,26 anos (DP = 1,93). Todos os estudantes reportaram serem solteiros quanto ao estado civil, e 90% residem em Porto Alegre.

Os instrumentos utilizados foram os Questionários McGill de Amizade (MENDELSON, 1995; MENDELSON, ABOUD, 1999), compostos por nove escalas que procuram responder às seis funções da amizade (ajuda, aliança confiável, autovalidação, companheirismo, intimidade e segurança emocional), aos sentimentos positivos, aos sentimentos negativos, e à satisfação com a amizade. Essas escalas já se encontram validadas para uso no Brasil (SOUZA, HUTZ, 2007b). Cada uma das funções está representada por

cinco itens; os sentimentos positivos, por seis itens; a satisfação com a amizade, mediante sete itens; e os sentimentos negativos são analisados por meio de 18 itens. Na presença de cada item o participante deve marcar como se posiciona com relação a ele (como o percebe, ou como se sente em relação a ele) por intermédio de uma escala *Likert* de cinco pontos.

Além dos Questionários McGill de Amizade, outros três instrumentos foram empregados, todos elaborados especialmente para adequadamente introduzir e complementar o uso dos Questionários. O primeiro instrumento consiste num breve questionário sociodemográfico; o segundo, num igualmente breve questionário introdutório sobre relacionamentos próximos de amizade, culminando na escolha de uma melhor amizade sobre a qual o participante deve se remeter para responder aos Questionários McGill. Após esses últimos, uma página com questões complementares pedia, dentre outros aspectos, a duração do relacionamento de amizade (até a data da participação na pesquisa) e o tipo de relacionamento atual com a pessoa indicada. Essa última questão oferecia nove alternativas para o participante, das quais deveria optar por somente uma dentre as seguintes: colega de faculdade, colega de trabalho, vizinho, ex-colega de escola, ex-colega de trabalho, romance, familiar/parente, apenas amizade, e outro.

Os instrumentos foram preenchidos individualmente pelos participantes durante um período de aula gentilmente cedido pelo professor, na mesma sala onde ocorria o curso. A aplicação dos instrumentos ocorreu na seguinte ordem: 1) questionário sociodemográfico, 2) questões sobre amizades próximas e a indicação de uma melhor amizade, 3) questionário sobre as funções da amizade, composto por seis escalas, 4) questionário com as escalas de satisfação com a amizade e de sentimentos positivos, 5) escala de sentimentos negativos, e 6) questões complementares sobre a melhor amizade.

Para os propósitos do presente estudo, que se propõe a estudar as amizades originadas em dois contextos educacionais distintos, foram selecionados, de um universo de 541 casos coletados, apenas aqueles nos quais o participante indicou, como melhor amizade, uma pessoa com a qual mantinha uma relação também de colega de faculdade, ou de ex-colega de escola, ou nenhuma outra relação exceto de amizade (ou seja, ser apenas amigos). Além desse critério foi selecionado o mesmo número de participantes do sexo feminino e do sexo masculino para compor cada um dos três grupos de análise. A composição dos grupos conforme tipo de relacionamento atual apresentou-se da seguinte forma: 1) melhores amizades com colegas de faculdade, 2) melhores amizades com ex-colegas de escola, e 3) melhores amizades com

indivíduos sem outro tipo de relacionamento concomitante ou prévio com este mesmo amigo (ou seja, possui apenas amizade com ele), com cada grupo formado por 30 participantes mulheres e 30 homens. Dessa forma, foram controladas as variáveis tipo de amizade (todos os participantes responderam sobre uma melhor amizade) e sexo do participante, essa última em função das diferenças significativas de sexo apontadas pela literatura empírica sobre amizade. A análise dos dados consistiu em análises de variância conduzidas para os escores médios das seis funções da amizade, sentimentos positivos, sentimentos negativos e satisfação com a amizade.

Resultados

Realizadas as comparações entre os três grupos escolhidos com respeito às nove variáveis da amizade estudadas – seis funções, sentimentos positivos, sentimentos negativos, e satisfação com a amizade, detectou-se uma diferença estatisticamente significativa. A função de aliança confiável apresentou diferença entre os três grupos investigados ($F_{(2)} = 3,38$; $p = 0,036$). As médias dos grupos para aliança confiável foram as seguintes: para ex-colegas de escola, $M = 4,81$; para apenas amigos, $M = 4,70$; e para colegas de faculdade, $M = 4,61$.

As demais diferenças observadas entre os três grupos, ainda que não significativas, apontam médias superiores para o grupo de ex-colegas de escola em quase todas as funções (intimidade, companheirismo e autovalidação), na satisfação com o relacionamento, e nos sentimentos positivos direcionados ao melhor amigo. O grupo de colegas de faculdade apresentou médias superiores para a função de ajuda e para os sentimentos negativos.

Foram conduzidos testes *post-hoc* segundo o modelo de Bonferroni com o objetivo de identificar com precisão as diferenças significativas entre os grupos para a função de aliança confiável. As comparações realizadas destacaram a diferença entre o grupo de colegas de faculdade e o grupo de ex-colegas de escola ($p = 0,031$).

Em virtude de a função de aliança confiável ter sido a única diferença significativa encontrada entre os três grupos, passou-se à condução de análises complementares que pudessem dar conta dos resultados obtidos. A função de aliança confiável está associada ao nível de confiança estabelecido entre os amigos, na percepção do participante. A confiança, segundo a literatura, é um aspecto fundamental nos relacionamentos de amizade, responsável

tanto pela manutenção do vínculo como de seu desenvolvimento, por exemplo, de uma amizade ocasional para uma melhor amizade.

Associada ao estabelecimento e fortalecimento da confiança está a duração da amizade, visto que a passagem do tempo propicia interação continuada que, dentro das expectativas dos dois amigos, fortalece o vínculo assim como o sentimento de confiança entre eles. Nesse sentido, entende-se que a duração da amizade estaria influenciando os resultados encontrados para os grupos no que tange à função de aliança confiável.

A média de duração do relacionamento de amizade foi de 3,4 anos para o grupo de colegas de faculdade (DP = 3,6), de 7,5 anos para os ex-colegas de escola (DP = 3,9), e de 7,6 anos para o grupo de apenas amigos (DP = 5,9). Notadamente, e como esperado, os relacionamentos com ex-colegas e com amigos são mais antigos do que os com colegas de faculdade.

Decidiu-se pela realização de uma ANCOVA (Análise de Covariância) com a finalidade de ajustar as médias para duração da amizade (covariável), eliminando, assim, os efeitos para tempo de relacionamento. Nesse sentido, a nova pergunta de pesquisa é se há diferenças entre os grupos com relação às variáveis estudadas se forem controlados os efeitos da duração da amizade. As novas análises realizadas não indicaram diferenças entre os grupos para as nove variáveis estudadas, controlando-se o fator tempo de amizade.

No modelo em que é testada a interação entre tipo de amizade e tempo como covariável, o resultado não foi significativo. Entretanto, observou-se que a variável tempo de amizade correlaciona com satisfação com a amizade ($p = 0,018$). Uma interpretação possível é que, embora a média de tempo de amizade seja diferente entre os grupos, essa duração provavelmente não interfere na relação entre o tipo de amizade e a satisfação.

Discussão

O presente trabalho buscou investigar diferenças no relacionamento de melhor amizade em três grupos: 1) colegas de faculdade, 2) ex-colegas de escola, e 3) apenas amigos. Foram examinadas diferenças quanto a nove aspectos que compõem os relacionamentos de amizade: ajuda, aliança confiável, autovalidação, companheirismo, intimidade, segurança emocional, satisfação, sentimentos positivos e sentimentos negativos.

Encontrou-se apenas uma diferença significativa entre os três grupos. A função de aliança confiável destacou-se na comparação entre colegas de faculdade e ex-colegas de

escola, com esses últimos apresentando maior média. Diante desse dado buscou-se investigar se a diferença na duração da amizade nos três grupos estaria interferindo nas comparações para as funções da amizade, satisfação e sentimentos. As novas análises demonstraram que o tempo não foi responsável pela ausência de diferenças significativas entre os três grupos de amizade com relação às cinco funções da amizade (ajuda, autovalidação, companheirismo, intimidade e segurança emocional), à satisfação e aos sentimentos positivos ou negativos.

Ainda assim, pode-se interpretar que a única diferença significativa encontrada entre os grupos – aliança confiável – esteja relacionada à recenticidade intrínseca às amizades de colegas de faculdade, na comparação com as demais. A literatura indica que o estabelecimento da confiança entre dois amigos está intimamente relacionado ao tempo de amizade entre os dois. Cumprir com a função de aliança confiável envolve fazer com que o indivíduo perceba que pode contar com a contínua disponibilidade e lealdade do amigo, referida por Asher et al. (1996) como confiança. Essa função diz respeito a uma característica fundamental de uma melhor amizade. Melhores amigos assim se consideram em virtude da confiança que despertaram no outro e conquistaram do outro, e essa confiança, até ser estabelecida, é construída especialmente mediante a continuidade das interações; em outras palavras, a confiança necessita de tempo para se desenvolver e assim se estabelecer enquanto base segura para as interações a partir de então.

Refletir sobre a confiança entre melhores amigos é relevante em função de que o estudante universitário precisa, para garantir seu futuro profissional, pouco a pouco desvencilhar-se dos fortes vínculos de amizade que traz consigo dos ensinos médio e fundamental. Internalizar esses fortes vínculos e abrir-se a novos relacionamentos é uma tarefa adaptativa que fortalece a construção da identidade e prepara para um amadurecimento interpessoal adequado para abarcar outros relacionamentos vindouros, como o romântico e o relacionamento entre pais e filhos.

Importante notar também que, na adulez-jovem, as amizades estão no seu auge e ocupam o topo da pirâmide dos relacionamentos próximos. Especialmente com o término dos estudos universitários e com a entrada no mercado de trabalho, há uma perda gradual de *status* dessas amizades. O relacionamento com parceiros românticos e com colegas de trabalho passam a competir com os amigos, tomando tempo e, conseqüentemente, investimento de si nessas novas interações. Essa troca faz parte da trajetória das relações

interpessoais do indivíduo adulto, que passará a rearranjar suas prioridades no que tange ao universo de seus relacionamentos.

Considerações finais

A maioria das pesquisas empíricas realizadas sobre amizade fundamenta-se em dados coletados com adultos jovens; mais especificamente, com estudantes universitários (FEHR, 1996). Essa tendência não se sustenta na facilidade em se coletar dados nas universidades. A justificativa está na constatação de que, nessa etapa da adultez jovem, as amizades estão mais em evidência do que na adultez média e na adultez madura.

Considerações sobre as limitações metodológicas do presente trabalho fazem-se necessárias. Os grupos em pouco se diferenciaram quanto às variáveis estudadas provavelmente porque o estudo investigou especificamente a percepção do participante sobre sua melhor amizade. O melhor amigo é aquele que desempenha melhor as funções da amizade, é o que desperta mais sentimentos positivos e menos sentimentos negativos, e o que proporciona maior satisfação com o relacionamento, na comparação com outros tipos de amizade, como a amizade ocasional. Dessa forma, é possível que os grupos se diferenciem caso seja realizada uma comparação entre uma amizade ocasional e uma melhor amizade, onde diferenças significativas específicas ao contexto de origem do relacionamento (no caso, a escola e a universidade) se apresentem nas análises.

O bem-estar social do estudante universitário necessita de investigações que deem conta de fatores importantes que perpassam o período universitário. A amizade é um destes fatores que marca a trajetória do estudante durante os anos escolares, ultrapassando tempo e contexto para ainda desempenhar papel importante na rede de relacionamentos do indivíduo. Investigações que busquem, por exemplo, relações entre amizade e rendimento nos estudos universitários, inclusive práticas de estágio, trariam resultados elucidativos quanto à importância que se atribui às amizades durante a etapa de investimento de estudos no ensino superior.

FRIENDSHIP RELATIONSHIP IN TWO EDUCATIONAL CONTEXTS

Abstract

The goal of this study is to compare the perception of friendship quality in two different educational settings – high-school and college, in a sample of university students. Best friend relationship is investigated regarding functions that the best friend fulfills, feelings the participant has towards him, and satisfaction with the relationship. Results indicated that best friendships originated at school years and maintained through college years are very relevant to the participant. The importance of friendships during college years is discussed, highlighting socio-emotional development beyond school years – the educational context frequently privileged in research.

Keywords: friendship, school, college.

Referências

ASHER, Steven; PARKER, Jeffrey; WALKER, Diane. Distinguishing friendship from acceptance: implications for intervention and assessment. In: BUKOWSKI, William; NEWCOMB, Andrew; HARTUP, Willard (Eds.). *The company they keep: friendship in childhood and adolescence*. Cambridge: University press, 1996.

BELL, Robert. *Worlds of friendship*. Beverly Hills: Sage, 1981.

CARBERY, Julie; BUHRMESTER, Duane. Friendship and need fulfillment during three phases of young adulthood. *Journal of Social and Personal Relationships*, Phoenix, v.15, n.3, p.393-409, 1998.

FEHR, Beverly. *Friendship processes*. London: Sage, 1996.

KOH, Yun-Joo; MENDELSON, Morton; RHEE, Unhai. Friendship satisfaction in Korean and Canadian university students. *Canadian Journal of Behavioral Science*, v.35, n.2, p.239-253, 2003.

MENDELSON, Morton. *MFQ-Negative Feelings: factor analyses*. Manuscrito não-publicado. McGill University, Montreal, Canada, 1995.

MENDELSON, Morton; ABOUD, Frances. Measuring friendship quality in adolescents and young adults: McGill Friendship Questionnaires. *Canadian Journal of Behavioral Science*, v.31, n.2, p.130-132, 1999.

MENDELSON, Morton; ABOUD, Frances. *Measuring friendship quality in adolescents and young adults: McGill Friendship Questionnaires*. Manuscrito não-publicado. McGill University, Montreal, Canada, 2003.

MENDELSON, Morton; KAY, Aaron. Positive feelings in friendship: does imbalance in the relationship matter? *Journal of Social and Personal Relationships*, v.20, n.1, p.101-116, 2003.

RAWLINS, William. *Friendship matters*. New York: Aldine de Gruyter, 1992.

SOUZA, Luciana Karine de. *Amizade em adultos: adaptação e validação dos Questionários McGill e um estudo de diferenças de gênero*. 2006. 102f. Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SOUZA, Luciana Karine de; HUTZ, Claudio Simon. Diferenças de gênero na percepção da qualidade da amizade. *PSICO-PUCRS*, Porto Alegre, v.38, n.2, p.125-132, 2007a.

SOUZA, Luciana Karine de; HUTZ, Claudio Simon. A qualidade da amizade: adaptação e validação dos Questionários McGill. *Aletheia*, Canoas, n.25, p.82-96, 2007b.

Data de recebimento: 15/09/2009.

Data de aceite: 08/12/2009.

Sobre a autora:

Luciana Karine de Souza é Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia pela UFRGS. Professora Adjunta no Depto. de Psicologia da UFMG. Vice-Presidente da Associação Brasileira da Pesquisa do Relacionamento Interpessoal.